

Margarida, igual a flor.

Pedro Tortorelli

O sol entrava pela pequena janela do frio quarto de dormir, um sinal que anunciava o nascer do dia. Deveria ser por volta das nove horas da manhã e tão pouco lhe importava. O calor parecia não ser o suficiente para esquentar algo que insistia em se manter frio. Um desânimo, meio claustrofóbico, que sufocava todos seus sentimentos. Algo nesse dia parecia fora do eixo. Margarida, nome de flor, parecia sem cor. Um branco pálido, quem sabe até um gelo, sem vida. Ela que, aos quatorze, se reinventou. A menina que descobriu não a roda ou o fogo, mas sim algo que fazia rodar e aquecer sua vontade de viver, parecia agora estagnada num mar de sonhos a se cumprir.

Uma garota com uma infância divertida e aventureira, dessas que desafiam qualquer criança de comercial de sabão em pó, havia nascido na pequena cidade de Relicário, no interior de Minas Gerais, nome perfeito para a cidade de pouco mais de dois mil habitantes que guardava a maior das preciosidades. Seus moradores eram simples e viviam em comunidade, no mais bonito significado que essa palavra poderia ter. Os pais de Margarida a chamavam de José Henrique da Silva Matos ou simplesmente, Zé Rico. Para as senhoras da igreja era o Zé, filho de Miguel, para os amigos da rua, era Zezinho. Para ela, apenas Margarida, sem sobrenome, pura, viva e exalando um aroma do campo que enfeitiçava. Não pense que me esqueci e deixei me levar pelos encantos da pequena cidade e do seu povo, em breve vos conto sobre a maior das preciosidades que havia comentado. Para você que lê, pode parecer singelo e até mesmo simples a forma como escrevo este lampejo de recordações, meio confusas, que insistem em se encaixar entre vírgulas e pontos da minha história. Porém, caro leitor, não se perca.

A flor escolhida pelo antigo Zé Rico, expressava muito mais do que a maneira como queria ser chamado a partir de agora. Era a materialização de toda a beleza que guardava consigo durante sua infância, cores vivas e aromas reconfortantes que explicavam sua essência. Nascer menina em um corpo alheio, numa cidade do interior de Minas Gerais, em

plena década de oitenta, era um dos piores pesadelos. Pelo menos, seria assim a visão daqueles que cruzassem futuramente seu caminho. Um misto de dó e preconceito insistia em transparecer nos semblantes de angústia daqueles que não entendiam tamanha simplicidade.

De alguma forma, naquela pequena cidade, era diferente. As pessoas pareciam não se importar pelo caminhar desajeitado de um menino, sobre um desses saltos plataforma que se vendem para as garotas adolescentes. Parecia mais curioso prever se o rapaz sobreviveria aos paralelepípedos soltos da rua da matriz, do que como fora parar ali, em cima do salto. Um desafio intrigante, sob o sol, que se repetia todos os dias depois da escola. A essa altura, Zé Rico era tão somente parte das lembranças de Margarida, que havia florido sobre o garoto. Seus pais sabiam que o jardim de casa seria diferente, a flor havia chegado para ficar. Durante toda sua vida, a menina foi regada pelos seus familiares. Ela simplesmente não era diferente, ainda que fosse inevitável que seu estilo exuberante atraísse olhares, até mesmo dos mais desatentos. Isso nunca a incomodou. Era a oportunidade de testar as confusas combinações de roupas da sua mãe, num arranjo desajeitado e incerto sobre seu corpo de criança.

O tempo passava e a garota, como qualquer outra, amadureceu seus sonhos e desejos. A mulher que havia surgido em meio a esse mar de novas descobertas, almejava conhecer o mundo. Possuía uma energia suficientemente forte, para guiar seus passos pelos caminhos mais desconhecidos. “ Uma passagem por favor, em nome de Margarida”. Essa frase ecoa até hoje no silêncio que ficou no coração dos pais da jovem.

Determinada, resolveu cursar faculdade na cidade de São Paulo, a alguns tantos quilômetros de Relicário. O ônibus que cortava as montanhas mineiras parecia sem rumo, desgovernado com destino aos sonhos de Margarida, pelo menos era assim que ela percebia toda aquela estrada, aparentemente sem fim. A viagem foi longa, porém durante oito horas daquela madrugada fria e chuvosa, seus olhos se mantiveram abertos. Uma espécie de janela

de vidros transparentes voltados para o seu interior, deixando perceber o mais belo dos sentimentos que ali moravam.

O choque com a cidade grande parecia inevitável, aquela pobre menina seria esmagada pelos enormes prédios da Avenida Paulista. O trânsito caótico parecia sugar suas entranhas a cada dia, a frieza das pessoas assustava até mesmo o pior dos vilões das brincadeiras de sua infância. Mas tudo isso, de uma forma misteriosa, não afetava o sorriso e a essência de Margarida. Em sua pequena mala, havia guardado a maior das preciosidades de Relicário, o amor. Uma coisinha pequena e leve, que cabia no bolso e usava desmedidamente. Dissolvia no ambiente, na comida e na bebida. Artefato raro que, nem no maior dos estandes do shopping chinês, próximo ao parque Ibirapuera, se encontraria para vender. E olha que lá se vende de tudo! Seu mundo era uma fantasia, os prédios representavam imensas paredes de escalada, prontos para serem explorados, exatamente como fazia nas árvores de sua cidade natal. As avenidas eram rios divertidos para se imaginar um mergulho de fim de tarde. Ela fazia tudo parecer perfeito, porém algo lhe incomodava: "as pessoas".

" — Tá bom, mas me fala agora seu nome de verdade!"

" — Uai, Margarida. Igual a flor!"

Ela, rapidamente retrucava com seus trejeitos mineiros. Ninguém ali conseguia abstrair tamanha simplicidade de pensamento. Pós-doutorados cruzavam olhares, buscando compreender o que "aquilo", diante deles, significava. Pela primeira vez na vida, ela havia sentido a dor do preconceito, tão forte, que nem o amor conseguiu dissolver a tensão das rugas daqueles que a julgavam. Seus dias já não eram os mesmos, a luta contra a instabilidade da caminhada sobre um salto alto, que marcara sua infância, por ora era substituída pela dolorosa sensação de esconder o seu verdadeiro ser. Afinal de contas, cair do salto significaria algo muito maior em seu novo mundo. Uma queda com destino a solidão. O seu mundo

particular de flores, cores e sabores parecia agora uma linha de montagem fordista, dessas antigas cheia de regras e monotonia.

Margarida abandonou a faculdade...

Estudante de engenharia, sonhava em construir todas aquelas maravilhas que encheram seus olhos de incertezas quando chegara a São Paulo. Antes de tudo, porém, deveria reconstruir sua própria vida. Pela primeira vez, sentiu-se só. Segundo o dicionário, a palavra "perdida" significa algo que desapareceu, que simplesmente, sumiu. Mas essa não era Margarida. Ela era justamente o contrário, a cor no meio do cinza da metrópole. Seria uma única flor capaz de mudar o dia de uma pessoa? Causar um sorriso no rosto mais desprovido de vida? Imagine o efeito de um jardim!

Os dias que se seguiram foram os mais recompensadores de sua vida. Já viu quando em uma brecha do asfalto rachado, na empoeirada calçada do centro, surge um verde? Depois vem a flor. Um sopro de esperança que trouxe junto bromélias, rosas e violetas. Uma infinidade de mulheres que encontravam seu espaço entre o concreto e o cinza da cidade grande. Margarida dedicou todos seus esforços e o resto de sua vida a buscar outras pessoas que estavam mergulhadas na mesma escuridão que um dia havia experimentado. Pela primeira vez algo inusitado aconteceu, o amor que trazia consigo, multiplicou-se. Era a metáfora perfeita de um jardim florido, vivo e pulsante.

O tempo foi passando e aos poucos o cinza cedía lugar a cores vibrantes. Margarida era acostumada com mudanças, extremos incomunicáveis que ela fazia parecer bons velhos amigos. Sua mudança de Zé Rico para flor, de Relicário para São Paulo, de solidão para união, pareciam ser parte de um roteiro escrito por algum famoso diretor de cinema.

Por ironia do destino, em uma calma noite de primavera, Margarida experimentou pela segunda vez o amargo sentimento que havia presenciado pouco tempo atrás. A flor fora atacada enquanto voltava para casa, no mesmo dia que havia retornado aos seus estudos na

faculdade. Uma faca velha e enferrujada cheirava a ódio, uma podridão que fazia qualquer um sentir o mais profundo asco. O vermelho do seu sangue passou a colorir ainda mais o jardim que floria entre o concreto. De alguma forma, ela retornara para Relicário, retornara para a ingenuidade da sua infância. Sua breve história deixava como lição a maior das preciosidades, o amor. Porém, de igual maneira, nos afogava em suas dualidades. Seu oposto triunfara, nem que por um curto momento. O mesmo sol que iluminava o jardim, também lhe causava uma certa sombra escura.

O velório foi logo pela manhã. O sol entrava pela pequena janela do frio quarto de dormir, um sinal que anunciava o nascer do dia. Deveria ser por volta das nove horas da manhã e tão pouco lhe importava. O calor parecia não ser o suficiente para esquentar algo que insistia em se manter frio. Um desânimo, meio claustrofóbico, que sufocava todos seus sentimentos. Algo nesse dia parecia fora do eixo. Margarida, nome de flor, parecia sem cor. Um branco pálido, quem sabe até um gelo, sem vida.